

# O papel da comunicação digital na arena internacional: Mobilização política *online* e a Primavera Árabe

## The role of digital communication in the international arena: Online political mobilization and the Arab Spring

Vivian Patricia Peron Vieira\*

Boletim Meridiano 47 vol. 14, n. 139, set.-out. 2013 [p. 24 a 30]

### Introdução

O final do século XX e o início do novo século marcam um conjunto de transformações políticas, econômicas, culturais significativas para as relações internacionais. Nesse contexto, os sistemas de comunicação, responsáveis por colher e difundir informações sobre acontecimentos aquém e para além das fronteiras nacionais, também sofreram mudanças. Paralelo ao jornalismo formal e à comunicação diplomática, o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação passou a ocupar um destacado lugar na configuração de acontecimentos e fatos políticos de repercussão transnacional.

Um evento recente, expressivo e bastante ilustrativo neste sentido é o conjunto de levantes populares iniciados em dezembro de 2010 e que se propagou em países do Oriente Médio e Norte da África, denominado pelos jornalistas de *Primavera Árabe*. Esta onda de protestos é parte de um processo que repercutiu na queda de governos em países como a Tunísia e Egito, caracterizando-se, sobretudo, como um movimento transnacional, na medida em que afetou não apenas regimes nacionais, mas também seus vizinhos.

Deste modo, o objetivo central do artigo é analisar como ocorreu esta passagem de um levante nacional para um movimento de impacto transnacional, tendo como principal variável o papel das tecnologias digitais de comunicação no atual cenário das relações internacionais. No intuito de atender a esta questão, primeiramente discuti-se a vinculação entre tecnologias digitais de comunicação e a política atual, apontando os impactos nas relações internacionais. Uma vez traçada essa análise, a seção seguinte caracterizará a mobilização política nos levantes transnacionais no mundo árabe e o lugar das tecnologias digitais de comunicação neste fenômeno.

### Arena internacional e comunicação digital

Desde o início deste século, mudanças substantivas vêm ocorrendo na ordem mundial em diversos campos como Economia, Política, Ciências Naturais mediante a implantação de sistemas de comunicação de base digital que já vinham se consolidando desde os anos de 1990 (CASTELLS, 1999). A internet tem sido um dos principais mecanismos deste processo, representando características peculiares quando comparada a outros meios de comunicação, como a televisão e o jornal impresso, pois integra modalidades diferentes de comunicação e diferentes tipos

\* Doutorado em andamento em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista (vippevi@yahoo.com.br).

de conteúdo (texto, vídeo, imagens visuais, áudio) em um único meio. Essa versatilidade torna plausíveis afirmações de que a tecnologia coincidirá com mudanças sociais relevantes, talvez mais profundas do que a televisão ou o rádio significaram no século XX (DIMAGGIO *et al.*, 2001).

Por isso, a internet deve ser compreendida como parte de um fenômeno maior que tem alterado os processos de comunicação. Algo que pode ser sintetizado em torno de três dimensões fundamentais através das quais a informação passa a estar submetida: (1) *digitalização*: transformação de dados, registros, documentos, sons, imagens e todo tipo de informação em linguagem binária (MANOVICH, 2001). Isso possibilita a compressão de grande volume de dados que podem ser armazenados e enviados para grande quantidade de receptores ao mesmo tempo. (2) *Convergência*: diz respeito à interoperabilidade de equipamentos que passam a funcionar e se comunicar sob uma mesma base técnica (STIPP, 1998) e também àquilo que Henry Jenkins (2009) chama de “cultura da convergência”, isto é, um crescimento expressivo de novas práticas culturais marcadas pela intensa troca de informações dentro de determinados grupos sociais ou entre estes, ainda que estejam fisicamente distanciados. (3) *Mobilidade*: refere-se ao uso crescente de aparelhos móveis de comunicação multimídia (*smartphones, tablets, netbooks* etc.) que possibilitam captar e disseminar informação sem um tradicional fixamento espacial, subvertendo determinados constrangimentos territoriais tradicionalmente existentes até então (LE MOS, JOSGRILBERG, 2009).

Embora devamos admitir que estas tecnologias conformam significativas mudanças para os processos comunicativos e para as relações políticas e sociais, é preciso evitar determinismos tecnológicos. Como aponta Tyler (2002), em muitos casos dispositivos como a internet podem ser apenas um novo modo de se fazer velhas coisas. Tomando como exemplo a discussão sobre internet e movimentos anti-globalização, Pipa Norris (2001) lembra que movimentos globais de protestos e ações diretas de manifestações difundidas através das fronteiras nacionais existem há décadas, tal como o movimento anti-nuclear na década de 1950 e os protestos anti-Vietnã na década de 1960, ou até antes com os movimentos anti-escravagistas e pró-sufrágio no século XIX. Para a autora, o fenômeno está longe de ser novo, mas é relevante ao desafiar a legitimidade de organizações internacionais e a autoridade de governos nacionais (NORRIS, 2001).

O advento da internet ocorreu em larga escala há de cerca de 15 anos, e desde então vem repercutindo em assuntos da arena internacional. Há estudos que já aplicam a referida relação das novas tecnologias com o mundo político internacional de maneira mais sistemática (KLUVER, 2002; WENGER, 2001; WESTCOTT, 2008). Eles levam em consideração as mudanças estruturais trazidas pela nova ferramenta, dentre elas: Incremento do diálogo, da deliberação e, conseqüentemente, do *feedback* das mais diversas arenas, atores e espectadores frente aos acontecimentos internacionais; ocupação gradual enquanto fonte de informação no lugar da mídia tradicional; instantaneidade da informação; surgimento de atores mais participativos (*hackers, ativistas políticos, terroristas, imigrantes* etc.), complexificação da realidade e conseqüentemente da tomada de decisão (aumentam os fatores envolvidos).

No que se refere a mobilizações políticas globais, a internet alterou a dinâmica internacional por promover eletronicamente a difusão de idéias e táticas de protesto de forma rápida e eficiente através das fronteiras nacionais. Como Norris (2001) já apontava, graças à conexão em rede, as mobilizações, em determinados casos, passam a ganhar escala transnacional em um curto espaço de tempo. O poder das ferramentas digitais, incluindo as redes e a tecnologia móvel, produz, na opinião de Joss Hands (2011), um efeito “bola de neve”, o qual só é possível por causa da estrutura e desenho das comunicações digitais modernas que ultrapassam os limites tradicionais geopolíticos. A aglutinação, e conseqüente mobilização de pessoas *online*, mais especificamente nas redes sociais, são impulsionadas graças aos espaços de autonomia da internet, que se molda na maioria das vezes fora do controle de empresas ou governo (ainda que haja paradoxalmente novas formas de monitoramento e vigilância) sendo denominado por Castells (2012) de “autocomunicação de massa”, na qual a internet e plataformas de comunicação digital fazem a vez da comunicação de massa horizontal, isto é, comunicação de muitos indivíduos para tantos outros, dentro e fora das fronteiras.

## Levantes no mundo árabe e a mobilização *online*

O conjunto de protestos que culminou com a mudança de regime em diversos países do mundo árabe ao final de 2010 e início de 2011 recebeu a denominação de “Primavera Árabe”. Esta nomenclatura geralmente é questionada em duas vias: Primeiro, por que o termo reduz o fenômeno a uma visão restrita de luta pela democracia, quando está atrelado, em suas origens, também a problemas econômicos e sociais, os quais os países da região vêm enfrentando nas últimas décadas. A segunda razão é que ao se denominar “Primavera Árabe” para o conjunto dos levantes sociais de diferentes países – Tunísia, Egito, Líbano, territórios palestinos, Jordânia, Iraque, Kuwait, Emirados, Omã, Arábia Saudita, Sudão (Norte), Argélia, Marrocos, Síria, Iêmen e Líbia –, coloca-se no mesmo bojo realidades distintas, “com problemas econômicos e sociais diferentes oriundos dos diferentes legados deixados pelo colonialismo europeu e pelas diferentes formas de domínio de regimes únicos que governaram esses países por décadas” (FERABOLLI, 2012, p. 107).

Reconhecendo estas ressalvas, o termo é utilizado no decorrer deste artigo entendendo-se que ele se tornou rotineiramente difundido para denominar tais eventos e, além disso, abarca fenômenos que também sustentam traços comuns. Por isso, podem ser estudados enquanto um conjunto, sem que revele algum problema de ordem analítica para os objetivos deste artigo. Assim, sem perder de vista as peculiaridades de cada país, dentre as principais características comuns da Primavera Árabe podem-se elencar: (a) existência de governos autocráticos; (b) existência de regimes fechados ou semi-fechados; (c) restrições democráticas crônicas; (d) altos índices de corrupção; (e) abusos nos serviços de segurança; (f) grau elevado de desigualdades sociais; (g) privatizações em benefícios de minorias (LYNCH, 2011). Outro grande denominador comum aos levantes, tido como o mote deste artigo, é o uso da mobilização *online*. Esta se refere à capacidade de arregimentar simpatizantes, ativistas ou apoiadores através dos usos das mídias sociais, diferindo de uma mobilização *offline*, ainda que uma possa complementar ou se sobrepor a outra.

Os estudos e análises discutidos neste artigo apontam que o papel da comunicação digital pode ser interpretado como um catalisador, mas não necessariamente como o elemento preponderante e unicamente determinante neste processo. A partir daí é possível apontar seis funções fundamentais desempenhadas pelas tecnologias de comunicação e informação que afetaram as tensões internas e contribuíram para a expansão além das fronteiras desses levantes: (1) a capacidade de ampliar acontecimentos de forte sensibilização; (2) o potencial de circular informação em nível nacional e transnacional; (3) a capacidade de mobilizar (4) o cerceamento da comunicação digital como objeto de protesto (5) a replicabilidade de narrativas e testemunhos; (6) a configuração de uma opinião pública transnacional com efeitos nas políticas internas. Convém analisar cada um desses pontos elencados.

Primeiro ponto, a capacidade de ampliar acontecimentos de forte sensibilização, refere-se ao efeito de tornar um evento dramático ou trágico em um símbolo de mobilização política. É o caso da imolação de Mohamed Bouazizi<sup>1</sup> na Tunísia que revelou outras questões regionais para além do radicalismo islâmico: Condições econômicas e sociais extremamente desiguais que vivem grande parte da população árabe (FERABOLLI, 2012). A reverberação da morte de Mohamed inclusive é tida como o estopim dos levantes. Outro caso é trazido por Pavlik (2011), sobre o executivo da Google, Wael Ghonim, que criou uma página importante no *Facebook* dedicada a um menino egípcio, Khaled Said, que foi morto pelas autoridades egípcias leais ao ex-presidente Hosni Mubarak. A página foi um recurso de crítica ao regime egípcio que levou muitos egípcios a tomarem conhecimento dos abusos do regime do Mubarak,

---

1 Mohamed Bouazizi foi um vendedor ambulante de frutas e legumes de 26 anos que teve seus produtos confiscados por autoridades governamentais da Tunísia por considerarem sua atividade ilegal. Após reivindicar a devolução de seus pertences na sede da administração regional e ver seu pedido negado, jogou líquido inflamável em seu próprio corpo e ateou fogo. Bouazizi foi socorrido e levado ao hospital, mas faleceu após pouco mais de 2 semanas, no dia no dia 5 de janeiro de 2011, devido às complicações dos ferimentos. O fato desencadeou uma série de protestos na Tunísia que culminou com a queda do presidente Ben Ali após duas décadas no poder.

fomentando protestos e revoltas. Ainda que Ghonim tenha sido detido e encarcerado pelo regime por ter criado a página no *Facebook*, a repercussão foi bem-sucedida, como afirma Pavlik (2011), dado que propagou as atrocidades vividas sob o regime autoritário no Egito.

Segundo, o potencial de circular informação em nível nacional e transnacional diz respeito à propagação de informações e opiniões sobre os regimes fechados relacionando-os à corrupção e abusos de poder, que até então estavam escamoteados e abafados pelos regimes. Isto provocou um contexto social que, na explicação trazida por Castells (2012), o medo passa a ser superado pela indignação, instigando a revolta e a crença da população na necessidade de mudança política. A propagação ocorreu a partir do vazamento de informações que reverberavam abusos por parte dos ditadores. Bons exemplos desses vazamentos são encontrados dentre alguns cidadãos na Tunísia que usaram a internet para revelar as compras em Paris da primeira dama usando transporte aéreo privado do presidente, ou entre os blogueiros egípcios que circularam vídeos contendo o abuso de policiais, identificando-os posteriormente nas redes sociais (LYNCH, 2012). Esta difusão de informações de abusos por parte dos regimes aglutinou o descontentamento, pois se antes já existia o desejo por mudança, não havia um enredo que conduzisse para isso.

Terceiro, a mobilização refere-se à capacidade de arregimentar o apoio de um grande quantitativo de pessoas em prol de uma causa. Isso ocorre tanto do ponto de vista do apoio simbólico, através de manifestação *online*, quanto no apoio a atividades nas ruas onde a comunicação entre os manifestantes influencia na tomada de decisão e na tática de ação. As comunicações móveis, desde um simples celular até um *smartphone* conectado à internet, têm massivamente enraizado a capacidade de coordenar, organizar e romper em velocidade e em números a potencialidade de uma mobilização, possibilitando o que pode ser descrito como “*mobil(e)isation*” (HANDS, 2011). Algumas pesquisas quantitativas realizadas com os manifestantes de diversos países durante os levantes registraram o uso de *smartphone*, *Facebook* e *Twitter* tanto como meios fundamentais de tomada de conhecimento dos protestos pela população em geral, sobretudo a mais jovem, quanto do compartilhamento dos abusos de poder dos governantes e dos problemas políticos e econômicos enfrentados (TUFEKCI e WILSON, 2012; HOUNSHELL, 2011). Nas palavras de Tufekci e Wilson (2012): “In the case of protests in Egypt, it appears that social networks, often mediated through the new online platforms in the emergent networked public sphere, played a crucial role” (p. 376).

Uma pesquisa que trabalhou com quase 6 milhões de *tweets* em 7 países (Argélia, Bahrain, Egito, Líbia, Marrocos, Tunísia e Iêmen) demonstrou que o *Twitter* funcionou como uma plataforma para que pessoas externas discutissem as notícias, sejam estas sobre a resignação de Mubarak, seja sobre os discursos retóricos e insanos de Qaddafi, ou para começar um grande protesto (HOUNSHELL, 2011). Uma característica interessante é que o *Twitter* foi utilizado para divulgação externa, por isso mais comum no idioma inglês, enquanto o *Facebook* era basicamente utilizado na língua árabe pelos participantes diretos das manifestações.

Além da comunicação *online* ter desempenhado o papel de instrumento de mobilização, também foi objeto de protesto, conforme o quarto ponto. O desligamento da internet<sup>2</sup> feito pelo regime egípcio dentre os dias 25 de janeiro e 02 de fevereiro de 2011 provocou um efeito contrário ao previsto pela autoridade. Primeiro, porque um grupo pequeno, mas com alto conhecimento em tecnologia da informação, continuou a enviar informações e vídeos para o exterior sobre o que ocorria na *Tahrir Square* (TUFEKCI e WILSON, 2012). Segundo, o fato de as pessoas não terem mais o acesso à internet, causou revoltas ou despertou maior interesse ao que estava ocorrendo em seu país, de modo que estimulou as pessoas a saírem às ruas, intensificando os protestos (PAVLIK, 2011).

Quinto, a replicabilidade de narrativas significa que diversas formas de testemunhos e depoimentos passam a ser compartilhadas, criando assim uma narrativa que reforça a mobilização dos levantes em diferentes lugares.

2 A internet no Egito foi utilizada por dissidentes liberais, minorias, grupos religiosos e outros que se opunham ao regime de Mubarak. A esfera política *online* começou a emergir primeiro em formas de *blogs* e *sites* pessoais, e depois em *Facebook*, *Youtube* e *Twitter*. Enquanto a internet ainda não tinha sido censurada, alguns blogueiros foram presos (TUFEKCI e WILSON, 2012).

Para Lynch (2012) o espalhar das revoluções contra os regimes mostra a unidade árabe numa unificada narrativa de mudança, ainda que numa região que é conhecida por sua fragmentação ideológica. Ao se mostrar na Tunísia que um tirano poderia ser derrubado, tal acontecimento tem o poder emblemático de influenciar os demais a acreditarem que era possível superar o medo e sair nas ruas, mesmo com a ameaça de serem presos, torturados e mortos (LYNCH, 2012). Protestar, difundir informações sobre os levantes, incitar as pessoas de seus círculos sociais a reclamarem do regime e contestar a ordem que estavam obrigados a seguir foram em grande medida impulsionados por redes de contato através do uso de plataforma *online*. É exatamente como explica Castells (2012) sobre a Primavera Árabe: a união possibilitada pela internet fez superar o medo e alcançou o espaço público real. Paralelamente, o *Facebook*, o *YouTube* e o *Twitter*, além da mídia móvel (celulares), desempenharam papéis vitais que reforçaram esta replicabilidade narrativa, sobretudo nas mãos dos “jornalistas-cidadãos”. Esse termo compõe parte essencial do novo ecossistema das notícias, pelo fato das informações trazidas em tais plataformas digitais pelos cidadãos comuns serem consideradas fontes para o jornalismo realizado pela mídia tradicional. Ainda que esses cidadãos possam ou não ter histórico em ativismo, surgem num momento crucial para emitir informação crítica para o público (HOUNSHELL, 2011; TUFEKCI e WILSON, 2012). Pavlik (2011) revela que o grande número de jornalistas-cidadãos que colhem e distribuem notícias com seus dispositivos móveis e outras mídias digitais capacitadas pela internet frequentemente supera, pelo menos em número, a força de trabalho das mídias noticiosas tradicionais. No Egito, por exemplo, estima-se que dezenas, se não centenas de milhares de protestantes estavam agindo como jornalistas-cidadãos durante as manifestações (TUFEKCI e WILSON, 2012).

A sexta função desempenhada pelas tecnologias de comunicação e informação diz respeito à configuração de uma opinião pública transnacional com efeitos na política interna, alimentada pela intensa troca de informações e opinião do cidadão em sinergia com o filtro e difusão da mídia tradicional. Hounshell (2011) explica que organizações de mídia como a BBC e a Al Jazeera<sup>3</sup> serviram como filtro para verificação da autenticidade das fontes trazidas nas redes sociais. Para Castells (2012) a atuação da mídia tradicional – em sinergia com as redes digitais – também criou um manto de proteção junto à opinião pública internacional que inibiu, em alguns momentos, a radicalização da repressão estatal. Além disso, o autor explica que esse elo entre mídia tradicional e internet foi essencial durante as semanas das revoltas, tanto na Tunísia quanto em todo o mundo árabe, onde “Al Jazeera went so far as to develop a communication program to allow mobile phones to connect directly to its satellite without requiring sophisticated equipment” (p. 27).

As mídias noticiosas tradicionais funcionaram para colocar o fluxo dos acontecimentos trazido pelas mídias sociais num contexto e numa perspectiva mais amplos, fornecendo informações adicionais que não seria conseguida da maneira tradicional de captação de notícias. Mas como bem observam Tufekci e Wilson (2012) os novos sistemas de comunicação política não podem ser facilmente separados das categorias tradicionais de mídia. A Al-Jazeera, por exemplo, integrou as mídias sociais *online* em suas práticas de coleta de fontes e cultivou jornalistas-cidadãos através da região, o que garantiu a cobertura da sucessão de eventos através de vídeos captados basicamente por *smartphones*. Assim, os canais de TV por satélite (a exemplo da Al-Jazeera) em conjunto com as redes sociais *online* formaram uma nova esfera pública no mundo árabe, através de um dinâmico sistema de comunicação em rede.

## Considerações finais

Desde o início da Primavera Árabe, com os levantes na Tunísia seguido para o Egito, acadêmicos têm tentado entender como a internet e as redes sociais *online* contribuem para mudança política em regimes autoritários. Nessa

---

3 Al Jazeera é uma emissora de televisão criada em 1996 e sediada no Catar. Ergueu-se inicialmente com foco na cobertura e transmissão em países do mundo árabe. Tem ênfase em noticiário internacional e hoje possui mais de 60 escritórios ao redor do mundo que se estendem por seis continentes diferentes, incluindo canal em língua inglesa. Maiores informações em <<http://www.aljazeera.com>>.

direção, o presente artigo buscou estreitar a relação entre a arena internacional e a comunicação digital, tendo como pano de discussão a mobilização *online* antes e durante os levantes populares ocorridos na região.

Assim, diante dos seis elementos listados, a Primavera Árabe pode ser entendida como um acontecimento de ordem complexa e transnacional, catalisado pelo uso de tecnologias digitais de comunicação, mas não restrito a elas. Este artigo buscou então demonstrar as implicações que as plataformas digitais trouxeram para a mobilização em massa do mundo árabe, atuando como peça indispensável para compreender as dimensões deste evento, em particular, como parte de um importante processo de mudança política que tende a afetar as relações internacionais contemporâneas como um todo.

## Referências

- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999; v. 1.
- \_\_\_\_\_. *Networks of outrage and hope: Social movements in the internet age*. UK: Polity Press, 2012.
- DIMAGGIO, Paul; HARGITTAI, Eszter; NEUMAN, W Russell; ROBINSON, John P. Social implications of the Internet. *Annual Review of Sociology*, 2001, 27, p. 307-336.
- FERABOLLI, Sílvia. Entre a revolução e o consenso: os rumos da Primavera Árabe *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 51, p. 101-109, jan./jun. 2012.
- HANDS, Joss. *@ Is for Activism: Dissent, Resistance and Rebellion in a Digital Culture*. London: Pluto Press, 2010.
- HOUNSHELL, Blake. The revolution will be tweeted: life in the vanguard of the new Twitter proletariat. *Foreign policy*, 2011, v. 187 p. 20.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009, p. 27-53.
- KLUVER, Alan R. The logic of new media in international affairs. *New Media & Society*, 4 (4), p. 499-517, 2002.
- LEMONS, André; JOSGRILBERG, Fabio (Org). *Comunicação e mobilidade: Aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil*. Salvador: Edufba, 2009.
- LYNCH, Marc. The big think behind the Arab spring. *Foreign Policy*. V.190, p. 46, 2011.
- MANOVICH, Lev. *The language of New Media*. Cambridge. MIT Press, 2001.
- NORRIS, Pipa. *Digital Divide: Civic Engagement, Information Poverty, and the Internet Worldwide*. Nova York: Cambridge University Press, 2001.
- PAVLIK, John V. A tecnologia digital e o jornalismo: As implicações para a Democracia. *Brazilian Journalism Research*, 2011, Vol.7(2), p. 94.
- STIPP, Horst. Should TV marry PC? *American Demographics*, 20 (7), p. 16-21, 1998.
- TUFEKCI, Z. and WILSON, C. (2012), Social Media and the Decision to Participate in Political Protest: Observations From Tahrir Square. *Journal of Communication*, 62: 363–379. 14, 2011.
- TYLER, Tom. R. Is the Internet changing social life? It seems the more things change, the more they stay the same. *Journal of Social Issues*, 58 (1), p. 195-205, 2002.
- WENGER, Andreas. The Internet and the Changing Face of International Relations and Security. *Information & Security*. Volume 7, 2001, p.5-11.
- WESTCOTT, Nicholas. Digital Diplomacy: The Impact of the Internet on International Relations. Oxford Internet Institute, *Research Report 16*, July 2008.

## Resumo

O artigo busca analisar qual o papel das tecnologias digitais de comunicação no atual cenário das relações internacionais, tendo como foco específico os levantes populares da chamada Primavera Árabe, que ganharam grande repercussão como um evento transnacional.

## Abstract

This paper analyzes the role of digital technologies of communication in the current scenario of international relations, focusing on the specific uprisings of Arab Spring, which made a great impact as a transnational event.

**Palavras-chave:** Primavera árabe; mobilização online; comunicação internacional

**Keywords:** Arab Spring; online mobilization; international communication

Recebido em 18/08/2013

Aprovado em 27/08/2013